



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

JOSÉ SEVERINO DOS SANTOS JÚNIOR

JUVENTUDE E MÍDIA: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA
CULTURA JUVENIL E NOS DISCURSOS NOS TERRITÓRIOS ESCOLARES

CAMPINA GRANDE-PB

2021

JOSE SEVERINO DOS SANTOS JÚNIOR

JUVENTUDE E MÍDIA: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA
CULTURA JUVENIL E NOS DISCURSOS NOS TERRITÓRIOS ESCOLARES

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dra. Valdecy Margarida da Silva

CAMPINA GRANDE-PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237j Santos Junior, Jose Severino dos.
Juventude e mídia [manuscrito] : uma análise da influência da mídia na cultura juvenil e nos discursos nos territórios escolares / Jose Severino dos Santos Junior. - 2014.
32 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância , 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Valdecy Margarida da Silva , Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."

1. Comunicação. 2. Cultura juvenil. 3. Mídia. I. Título

21. ed. CDD 302.2

JOSÉ SEVERINO DOS SANTOS JÚNIOR

JUVENTUDE E MÍDIA: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA
CULTURA JUVENIL E NOS DISCURSOS NOS TERRITÓRIOS ESCOLARES

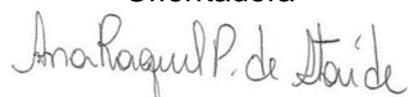
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª Valdecy Margarida da Silva – UEPB
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora



Prof^a Dr^a. Ana Raquel Pereira de Ataíde – UEPB
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora



Prof^ª. Dr^ª. Laércia Maria Bertulino de Medeiros – UEPB
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

À Deus, pela sua presença em
minha vida, me dando forças para
prosseguir e permitir a realização
deste trabalho, **DEDICO.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela vida, pela paz e por tudo que nos dá.

À minha esposa, que tem sempre uma palavra amiga e um ombro forte pra me amparar.

À minha filha, pelo sorriso inocente que me transmite alegria e paz.

À minha orientadora, a professora Dra. Valdecy Margarida da Silva, por toda dedicação, sabedoria e compreensão que teve para comigo.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho.

Muito obrigado!

“Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos.”

Paulo Freire (1997)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	
2.1	CAPITULO I	13
	O QUE É JUVENTUDE? UMA ANÁLISE HISTÓRICA E SOCIAL DO CONCEITO DE JUVENTUDE	13
2.1.1	Quem é o sujeito da juventude?	13
2.1.2	A juventude na mídia	17
2.1.3	A Comunicação e a Cultura na vida cotidiana.....	19
2.2	CAPITULO II	21
	A CULTURA JOVEM E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA ESCOLA	21
2.2.1	OS SUJEITOS DA JUVENTUDE E O ESPAÇO ESCOLAR.....	24
3.	CAPÍTULO III: MATERIAIS E MÉTODOS.....	24
3.1	Descrição e Análise dos dados.....	25
3.2	A pesquisa e seus participantes	26
3.3	Instrumento de coleta e tratamento dos dados	26
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
6	REFERÊNCIAS.....	31
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	33

JUVENTUDE E MÍDIA: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA CULTURA JUVENIL E NOS DISCURSOS NOS TERRITÓRIOS ESCOLARES

Júnior, José Severino dos Santos¹

Silva, Valdecy Margarida da²

RESUMO

As reflexões em torno do tema mídia e educação vem sendo aprofundadas há várias décadas, uma vez que já é bastante sentida a sua influência na formação do sujeito contemporâneo. O mais preocupante e necessário se pensar é como essas tecnologias vem sendo introduzidas no âmbito escolar. Ter a televisão e a internet como recursos disponíveis ao corpo docente pode ser uma missão muito difícil de conciliar, já que a escola ainda encara essas mídias como concorrentes e não como colaboradoras do processo de ensino e aprendizagem. O excesso de conteúdos oferecidos por todos esses meios de comunicação pode atrapalhar. A inteligência ficou cega de tanta informação, causando uma obsolescência programada nos meios tradicionais de ensino. O presente trabalho tem como objetivo analisar a influência da mídia na cultura juvenil. A pesquisa, que se configura em um estudo exploratório, analisa o conceito de juventude construído historicamente e socialmente, problematiza a construção das identidades juvenis a partir da influência da mídia, analisa as contribuições da mídia para pensar a cultura juvenil no espaço escolar e discute a relação entre sujeitos da juventude e o espaço escolar. Nesta perspectiva, o presente trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos uma discussão sobre o que é juventude. Fizemos uma breve análise histórica e social do conceito de juventude e discutimos a influência da mídia para esses jovens. No segundo capítulo, abordamos o papel da escola como espaço de formação para as juventudes. No terceiro capítulo, analisamos os dados obtidos na pesquisa através da aplicação de um questionário aos alunos. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

Palavras-chave: Juventude. Cultura Juvenil. Mídia. Territórios escolares.

YOUTH AND MEDIA: AN ANALYSIS OF THE INFLUENCE OF THE MEDIA ON YOUTH CULTURE AND DISCOURSES IN SCHOOL TERRITORIES

Jose Severino dos Santos Júnior¹

Silva, Valdecy Margarida da²

ABSTRACT

The reflections on the theme and media education has been deepened for several decades, since it is already quite felt their influence in shaping the contemporary subject. The

most troubling and need to think about how these technologies are being introduced in schools. Have television and the internet as part of the faculty, can be a very difficult task to reconcile, since the school still sees these media as competitors rather than collaborators of the teaching and learning process. Excess content offered by all these media can be distracting. The intelligence was blind to so much information, causing a planned obsolescence in traditional means of education. This monograph aims to analyze the influence of the media on youth culture and discourse in school territories. The research, which is configured in an exploratory study, examines the concept of youth socially and historically constructed, discusses the construction of youth identities from the influence of the media, analyzes the contributions of the media to think the youth culture at school and discusses the relationship between the subjects of youth and the school environment. In this perspective, this work is organized into three chapters. The first chapter is a discussion of what is youth. We made a brief historical and social analysis of the concept of youth and discuss the influence of the media for these youngsters. In the second chapter, we discuss the role of school as a place of training for the youths. In the third chapter, we analyze the data obtained in the survey through a questionnaire with teachers and students. Finally, we weave our final considerations.

Keywords: Youth. Youth Culture. School territories.

¹Licenciatura em Química pela Universidade Estadual da Paraíba (2005)

E-mail: juniorquimico10@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, existe uma grande preocupação dentro do espaço escolar no que tange à influência da mídia no cotidiano da escola. E uma das questões que mais inquieta é se a escola consegue acompanhar o ritmo das mídias e a força que elas exercem na sociedade.

As reflexões em torno do assunto mídia e educação vem sendo aprofundadas há várias décadas, uma vez que já é bastante sentida a sua influência na formação do sujeito contemporâneo por isso se faz necessário aprofundar o assunto diante do rápido desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação.

O mais preocupante e necessário se pensar é como essas tecnologias vem sendo introduzidas no âmbito escolar. Ter a televisão e a internet como instrumentos capazes de auxiliar o corpo docente, pode ser uma missão muito difícil de conciliar, já que a escola ainda encara essas mídias como concorrentes e não como colaboradoras do processo de ensino e aprendizagem. O excesso de conteúdos oferecidos por todos esses meios de comunicação pode atrapalhar. Como diz a música da Banda Musical, Capital Inicial, intitulada de: **Não olhe pra trás**¹, que diz: “A inteligência ficou cega de tanta informação”, causando uma obsolescência programada nos meios tradicionais de ensino.

Quando falarmos propriamente sobre mídia, faz-se necessário reportar-se à sua complexidade, ao situá-la como produto que se desenvolveu a partir dos anos de 1940, no contexto da ordem industrial. Nesta época, a concentração econômica e administrativa aliada ao desenvolvimento tecnológico, estabelecia semelhança estrutural ao cinema, rádio e revistas.

Nos encontramos hoje, sem sombra de dúvidas, inundados na era da tecnologia. Televisão ao alcance de todos, mídias sociais como essenciais e quase imprescindíveis em nossa vida cotidiana. Mas, como estamos administrando essas situações com relação a nossos jovens? Tanto na escola quanto em casa, até que ponto as essas mídias vêm influenciando positiva ou negativamente a juventude? São essas as questões que nortearam a nossa

pesquisa e que partem das nossas inquietações pessoais como professor de química de uma escola da rede estadual de ensino do Estado da Paraíba.

Observamos que a ótica da escola sobre a relação dos jovens com a mídia é de que a mesma tem um poder significativo sobre a formação dos jovens, sendo o principal responsável pelo que hoje é tido como algo de grande complexidade comportamental, uma vez que a mídia parece querer sempre confrontar os valores tradicionais de maneira desenfreada. Num contexto geral, a juventude vive uma fase em que a vida se encontra rodeada de confrontos, instabilidades e obstáculos. Porém, com bastante descobertas e conquistas.

O jovem brasileiro, do início do século XXI, em que pese as extremas diferenças que existem no nosso país (regionais, culturais, socioeconômicas, etc..) tem uma marca em comum no seu processo de socialização – nascer em uma sociedade marcada pela inserção tecnológica – os avanços tecnológicos nos setores de comunicação, informação, o aumento da produção industrial e do consumo e o crescimento da população urbana, provocaram imensas transformações no modo de vida das pessoas, não necessariamente mudanças positivas.

O aumento de uma sensação de bem star, advinda de um maior acesso a bens materiais, provoca certa acomodação em parte da juventude que enxerga seu futuro de forma desinteressada. O imediatismo parece ser a tendência e o dinamismo das “redes sociais” ocupa um espaço considerável dentro desse processo.

Esses novos paradigmas trazidos pela modernidade, refletem-se no comportamento da juventude, em uma era de incertezas, de volatilidade, de relações que beiram a superficialidade. Por consequência, vemos as angústias e incertezas quanto às questões como escolha profissional, identificação grupal, segurança financeira e constituição familiar.

Os meios de comunicação – o cinema, a televisão, o rádio os jornais, as revistas, a internet e o telefone celular, são agentes de socialização quase onipresentes, tanto em espaços públicos quanto em espaços privados, se apresentando de forma eficaz e persuasiva. Dentro desse contexto, os jovens

assumem o papel de consumidores e não de produtores e geradores de informação.

O presente trabalho monográfico tem como objetivo analisar a influência da mídia na cultura juvenil. A pesquisa, que se configura em um estudo exploratório, analisa o conceito de juventude construído historicamente e socialmente, problematiza a construção das identidades juvenis a partir da influência da mídia, analisa as contribuições da mídia para pensar a cultura juvenil no espaço escolar e discute a relação entre sujeitos da juventude e o espaço escolar.

Nesta perspectiva, o presente trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos uma discussão sobre o que é juventude. Fizemos uma breve análise histórica e social do conceito de juventude e discutimos a influência da mídia para esses jovens. No segundo capítulo, abordamos o papel da escola como espaço de formação para as juventudes. No terceiro capítulo, analisamos os dados obtidos na pesquisa através da aplicação de um questionário com alunos. Por fim, tecemos nossas considerações finais

2 O QUE É JUVENTUDE? UMA ANÁLISE HISTÓRICA E SOCIAL DO CONCEITO DE JUVENTUDE

2.1.1 Quem é o sujeito da juventude?

O jovem brasileiro do início do século XXI, em que pese as extremas diferenças que existem no nosso país (regionais, culturais, socioeconômicas, etc..) tem uma marca em comum no seu processo de socialização – nascer em uma sociedade marcada pela inserção tecnológica – os avanços tecnológicos nos setores de comunicação, informação, o aumento da produção industrial e do consumo e o crescimento da população urbana, provocaram imensas transformações no modo de vida das pessoas, não necessariamente mudanças positivas.

A velocidade da informação, a quantidade delas e também a dispersão com que elas chegam, parecem não estar contribuindo de forma positiva na

formação do cidadão jovem perante parte da sociedade civil e escolar que tem menos acesso às mídias. Para muitos a juventude hoje é taxada como individualista, alheia às questões políticas e com desinteresse nas relações sociais (RODRIGUES, 2012)

No Brasil, a preocupação em entender a cultura juvenil e seus sujeitos se evidenciou a partir da segunda metade do século XX. Goulart e Santos (2011) se referem a uma pesquisa encomendada por uma agência de publicidade chamada McCann-Erickson, para conhecer o perfil da juventude brasileira. Estabeleceu como definição que o jovem é aquela pessoa pertencente à faixa etária entre 15 e 24 anos.

Os resultados dessa pesquisa, publicados na Revista Veja, em 1984, na ocasião foi celebrado como um dos maiores estudos sobre os sujeitos da juventude brasileira. Os autores afirmam que essa pesquisa revelou um resultado muito diferente da ideia formada sobre a cultura juvenil e o perfil dos jovens do país, apontando que a maioria não era tão rebelde como se imaginava. Ao contrário, eles eram mais conservadores do que se imaginava. Essa pesquisa divulgada pela Revista Veja, n. 818, de 1984, mostra que a juventude, em sua maioria:

[...] condena a infidelidade conjugal. Condena o homossexualismo. Tem dúvidas sobre se o aborto deve ou não ser liberado. E, quanto à educação que vem recebendo, embora ache que às vezes os pais se metem demais na vida dos filhos, afirma que não tem outro modelo a oferecer. Dará aos seus próprios filhos exatamente a mesma educação que vem conhecendo em casa. (VEJA, 1984, p. 52).

Esses dados demonstram que os jovens brasileiros se organizam de diferentes formas, muitas vezes reafirmando os valores estabelecidos e outras vezes não contestando esses mesmos valores. Goulart e Santos (2011) relatam que com base nos critérios utilizados pela agência de publicidade, cinco perfis de jovens foram analisados na pesquisa: o jovem integrado, o jovem contestador, o jovem conservador, o jovem moderno e o jovem independente. Essa pesquisa, apesar das implicações políticas daquele momento histórico, tem um papel importante na medida em que demonstra que a cultura juvenil não é homogênea; ao contrário, encontramos jovens de

diferentes perfis, questionando o imaginário social que cristalizou a ideia do jovem como rebelde, organizando, assim, arranjos plurais sobre os sujeitos da juventude e seus saberes

A precisão desse saber, segundo os pesquisadores (VEJA, 1984), é o que diferencia essa pesquisa das demais, demonstrando que os perfis analisados encontram correspondência efetiva na realidade. Em relação aos perfis de jovens apresentados, um deles nos chama a atenção, visto representar os jovens [...] portadores daquela rebeldia a que se acostumou associar a juventude (VEJA, 1984, p. 53), o jovem contestador, que em relação ao total dos jovens pesquisados, correspondia a 5%. Para se ter uma ideia, o perfil jovem conservador, correspondia a 23% do total da amostra da pesquisa, demonstrando que relacionar rebeldia a cultura juvenil representava um desconhecimento acerca da juventude.

Um dos perfis analisados sobre os sujeitos da juventude é relatado pela Revista Veja (1984) como o jovem integrado. Trata-se do jovem trabalhador, que é pobre e busca melhorar a sua condição social e econômica. Assim como o jovem conservador, o jovem integrado é completamente adaptado ao sistema, porém, ele [...] é competitivo e individualista, sua grande aspiração é subir na vida (VEJA, 1984, p. 52). Se, por um lado, o jovem conservador é aquele que está em sintonia com a moralidade e educação que recebeu dos seus pais, sendo, também, tímido e retraído; por outro lado, o jovem integrado é empreendedor e deseja construir uma vida melhor, ter autonomia financeira para não depender de ninguém, pensando somente em si mesmo, como afirma a pesquisa.

Desse modo, tanto o jovem conservador, quanto o jovem integrado, representa uma parcela significativa da amostra da população jovem pesquisada, que, somados aos três outros perfis, permite-nos afirmar que a cultura juvenil é composta por inúmeras experiências e vivências, levando-nos a perceber que os saberes sobre os sujeitos da juventude devem ser analisados em perspectivas múltiplas, não restringindo a cultura juvenil a um só perfil.

A cultura dos sujeitos da juventude é heterogênea nos discursos e nas vivências com diferentes saberes. São linguagens e comportamentos que se alteram nas relações entre os diferentes indivíduos que transitam pelo espaço escolar. Essas culturas juvenis oportunizam aos pedagogos e pesquisadores da educação a questionar as relações entre os jovens e as mídias e quais suas relações com o espaço escolar (LIBÂNEO, 2006).

O autor ressalta que as intensas transformações sociais, políticas, econômicas, sociais, geográficas, culturais, desafiam os educadores nas suas relações com as culturas juvenis cada vez mais midiáticas e diversificadas que invadem o espaço escolar.

Para Carrano (2005), os profissionais da educação precisam compreender as modificações das relações sociais, percebendo como as práticas – tanto pedagógicas quanto juvenis – estão inseridas nesses contextos. Desse modo, não podemos elencar uma cultura juvenil única, mas perceber as diferentes vivências e experiências que perpassam os sujeitos da juventude e suas relações com os saberes e os poderes que estão inseridos nas escolas em tempos de globalização.

O autor discute a questão dos jovens no espaço escolar e aborda as diferentes visibilidades dos grupos que transitam pelo espaço escolar. Ainda, analisa as visões dos profissionais da educação que interpretam os sujeitos da juventude como individualistas, hedonistas, irresponsáveis e desinteressados pelo conteúdo escolar. Já os jovens, percebem o espaço escolar como um cotidiano enfadonho e a formação escolar é uma obrigação necessária para produzir e reproduzir modos de viver nessa sociedade. Desse modo, [...] assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe (DAYRELL, 1996, p. 106).

Com base nos diferentes cruzamentos de discursos entre os/as professores/as e os sujeitos da juventude que adentram na escola, percebemos as relações estabelecidas no espaço escolar. Libâneo (1998) afirma que o entendimento das relações no espaço escolar pode redefinir as práticas pedagógicas constitutivas da ação docente, ou seja, respeitar e

valorizar os modos de ser, pensar e agir no mundo dos diferentes grupos que compõem essa cultura, organizando diferentes discursos para as diferentes realidades sociais que habitam o espaço escolar.

2.1.2 A juventude na mídia

A mídia está na escola e a escola precisa estar com a mídia, pois a mesma está proporcionando aos jovens, horizontes muito amplos de cultura, diversidade e sociedade. A escola precisa intensificar o discurso sobre assuntos que estão inquietando a sociedade e que se afloram mais quando é tempo de eleição. Temas como aborto, racismo e homossexualismo precisam entrar na pauta do currículo escolar.

Carrano (2005) defende que o espaço e o tempo vivenciados no espaço escolar estão repletos de encontros entre os sujeitos culturais que garantem a existência deste território. O autor chama os educadores, em sua função social, política e cultural, para pensar e refletir sobre a sua prática, suas ações e tarefas para levar em conta as culturas e os espaços para a reflexão e diálogo entre as diferenças. A nossa tarefa é oportunizar as relações entre discursos, dos sujeitos e os discursos escolares e midiáticos como parte fundamental em nossa ação.

Com base nessa compreensão do espaço escolar, buscamos problematizar de que forma os discursos, as práticas e vivências dos jovens adentram este espaço. Percebemos que as influências e os efeitos das culturas juvenis nas relações escolares e de que formas essas culturas e os saberes estão integrados no currículo e na metodologia das matérias escolares se relacionam. Libâneo (2006) destaca que o educador encontrará no espaço escolar alunos inseridos nas culturas jovens e com interesses específicos, mas compartilham de usos e recepções das mídias, negociando com elas ou não.

Além do contexto midiático, outros fatores que perpassam a formação deste indivíduo e sua subjetividade são as peculiaridades locais, como a sua origem sociocultural, os espaços físicos, sociais, culturais e discursivos que frequentam. Esses fatores atrelados ao contato dos jovens com as mídias terão

um efeito relevante sobre as diferentes possibilidades que o indivíduo possui para compreender as relações entre ele, o/a professor/a e o mundo.

Libâneo (2006) ressalta que o papel do professor é orientar, formular objetivos, fornecer ideias viáveis e que estes profissionais não devem forjar estereótipos recriminadores da juventude e nem petrificar as atitudes juvenis, consciente de que há mudanças nas vivências e experiências dos grupos que adentram ou se afastam do espaço escolar.

A educação escolar, para Libâneo (2006, p. 37) “pode ser compreendida como uma oportunidade de compreender o mundo, a realidade e transformá-la”. Desse modo, o autor cita Carrano (2005) que defende que o espaço e o tempo vivenciados no espaço escolar estão repletos de encontros entre os sujeitos culturais que garantem a existência deste território.

Com base nessa compreensão do espaço escolar, buscamos problematizar de que forma os discursos, as práticas e vivências dos jovens adentram este espaço. Percebemos que as influências e os efeitos das culturas juvenis nas relações escolares e de que formas essas culturas e os saberes estão integrados no currículo e na metodologia das matérias escolares se relacionam. Libâneo (2006) destaca que o educador encontrará no espaço escolar alunos inseridos nas culturas jovens e com interesses específicos, mas compartilham de usos e recepções das mídias, negociando com elas ou não.

Incluir as mídias como oportunidade para a produção, análise e negociação com os conteúdos e discursos dos territórios escolares dão possibilidades para que os jovens percebam as proximidades e os afastamentos entre suas culturas, suas identidades e as relações com a instituição escolar. Se os/as jovens compreenderem o funcionamento dos discursos midiáticos poderão trabalhar estratégias de compreensão e negociação entre os discursos da mídia e da escola. Assim, as pesquisas de mídia na educação, respaldadas no eixo teórico dos Estudos Culturais, são algumas possibilidades de inserir a mídia e sua cultura no espaço escolar.

2.1.3 A Comunicação e a Cultura na vida cotidiana

Nos dias de hoje parece lugar comum afirmar que as mídias têm desempenhado um importante papel na sociedade, caracterizada como sociedade da informação, da comunicação, do espetáculo e mais recentemente, como “sociedade multitela”. As mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da cultura e da construção de significados diante do mundo. E a presença da mídia na vida de crianças e jovens tem apresentado imensos desafios para a educação de crianças e jovens que podem ser discutidos tanto no âmbito familiar como escolar, além dos vários espaços da cultura.

De acordo com Michel Maffesoli:

[...] o cotidiano não é um conceito que se pode mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido [...] de algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto [...] De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma encarnação ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura (Maffesoli, 1985a, p. 64).

Nesta primeira assertiva, partindo da citação de Michel Maffesoli e podemos afirmar que há dois momentos nos quais a cultura e a comunicação começam a interagir com o cotidiano: 1) o problema da alteridade, o reconhecimento do outro; 2) as maneiras de agir e pensar dos indivíduos. Neste segundo ponto, temos a aproximação do cotidiano como espaço de produção de fatos sociais. Conforme afirma Durkheim:

É fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então, ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possam ter. (Durkheim, 2003, p. 52).

No primeiro ponto, se faz necessário verificar se é possível estender o conceito de estilo às formas cotidianas. Assim, evitaremos pensar o estilo como algo pessoal, mas estabelecido nas tribos e comunidades. Para não cair na

armadilha positivista “o estilo é o homem”, preferimos utilizar o conceito de formismo sociológico, tomado emprestado a Simmel. Neste sentido, podemos pensar a forma como a “gramaticalidade do invisível” que liga signos de diferenças semânticas e estabelece territórios sintáticos capazes de dialogar entre si, estabelecendo o formismo social. Maffesoli define o formismo como “(...) um polípede que tem implicações estéticas, éticas, econômicas, políticas, e, evidentemente, gnosiológica” (Maffesoli, 1985b, p. 111).

Para podermos compreender a comunicação na vida cotidiana, sugerimos pensar nesta proposição de Georg Simmel: “Todos os eventos banais, exteriores, são finalmente ligados por fios condutores às opções finais, referentes ao sentido e ao estilo de vida” (Simmel apud Maffesoli, 1985a, p. 65). Como o predomínio é dos sistemas informacionais, das comunidades em rede, há um deslocamento da principal função da comunicação: reconquistar o caráter antropológico e social das comunidades.

Uma das primeiras denúncias da perda da função comunitária da comunicação foi feita por Walter Benjamin em seu ensaio “O Narrador” (Benjamin, 1987, p. 197). Evidentemente, a preocupação de Benjamin, acerca da forma pela qual se constrói a narrativa na contemporaneidade, nos traz implicações da ordem sociocultural, mas também não deixa de nos alertar para a substituição das narrativas tradicionais por técnicas informacionais. Este é um dos principais problemas de reconhecimento do imaginário da vida cotidiana: o estabelecimento de uma comunicação vertical, mediada por ferramentas eletrônicas com ênfase nas imagens.

O não reconhecimento da complexidade da vida cotidiana, na sociedade pós-moderna, ocorre pelo caráter instrumental da informação, do preenchimento dos vazios sociais pela quantidade e pela comercialização de conteúdos que não respeitam a alteridade, as diferenças culturais e recriam contextos históricos artificiais.

Para alguns pesquisadores, existe um fosso entre o desenvolvimento tecnológico e o processo comunicativo, como afirma Dominique Wolton:

Essa defasagem entre a facilidade da Comunicação Técnica e a dificuldade da Comunicação Humana é a primeira razão para que se construa uma teoria da comunicação. O canal não basta para criar a relação. É preciso compreender as razões da

defasagem entre a eficiência da condição técnica e a dificuldade da comunicação humana e social. (Wolton, 2004, p. 15)

2.2 CAPITULO II: A CULTURA JOVEM E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA ESCOLA

A escola é um espaço de mediação de discursos, que não pode fugir a realidade, nem se omitir da realidade, tampouco abrir mão de socializar problemas latentes na sociedade, que acabam por interferir em toda a dinâmica da escola. A escola precisa fazer seu papel de contribuir com exercício da cidadania, oferecendo ao jovem espaço para que hajam debates que tratem principalmente de problemas sociais dos quais os jovens precisam participar e contribuir.

O jovem que tem acesso à tanta informação, de variadas mídias, como jornal, televisão e internet, não tem como ficar alheio ao que acontece e aos problemas que mais afetam a sociedade. Porém, mesmo com todas essas informações, é possível que ele simplesmente não se incomode com os graves problemas que o cercam, é nessa hora que a escola tem o importante papel de chamar a juventude para o debate.

Para situar as variadas dimensões constitutivas da condição juvenil no Brasil, deve-se partir de um contexto sociocultural mais amplo, no seio o qual elas vão construindo tal experiência. Esse contexto se expressa nas profundas transformações socioculturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, onde o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar a identidade juvenil. (DAYRELL, 2007, p. 198).

A cultura é algo bastante presente no cotidiano dos jovens quando eles se expressam culturalmente através da produção de músicas, vídeos, danças ou mesmo programas de rádios comunitárias, onde socializam seus anseios, suas perspectivas, suas angustias, suas visões políticas, se a escola abrir espaço para o amplo debate, certamente ela terá o jovem-da-mídia, como um estudante, um protagonista do que ele realmente acha interessante estudar. Do que assuntos que afetam, de forma mais imediata, a sociedade.

A escola, como espaço de formação, de contatos e de experiências com os diferentes discursos subjetivos e das culturas que se relacionam socialmente é uma possibilidade de se construir uma escola enquanto um espaço de síntese (LIBÂNEO, 2006). A escola pode ser um lugar onde os alunos desenvolvem os processos de negociação para decodificar as mensagens emitidas pela mídia. Hall (2003) ressalta que as leituras de mundo possuem uma expressão institucional, por isso, o indivíduo faz parte de uma instituição, de um espaço onde sua subjetividade se relaciona com outras subjetividades e objetividades.

Concordamos que a nossa identidade é híbrida. Hall (2003) explica que as formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais específicos, podem contribuir para a constituição de um posicionamento, que Hall chama, provisoriamente, de identidade. Assim, os sujeitos da juventude conhecem o espaço escolar e o midiático, mas não pertencem a nenhum deles. Essa relação permite que os indivíduos percebam as relações dos discursos que perpassam a escola e a mídia.

Libâneo (2006) contribui para pensarmos as juventudes como culturas de uma geração ou grupos sociais que não são absolutamente passivos diante das mídias. São consumidores de discursos, produtos, modelos e artefatos culturais. Entretanto, também negociam com as práticas, as narrativas e os produtos ressignificando as mensagens midiáticas.

Sobre essas práticas, Dayrell (2007, p. 120) chama atenção para o tornar-se aluno. O espaço escolar, segundo o autor, é invadido —pela vida juvenil, com seus looks, pelas grifes, pelo comércio de artigos juvenis, constituindo-se como um espaço, também, para os amores, as amizades, gostos e distinções de todo tipo. É necessário que se estabeleça uma relação entre as possibilidades de ser jovem e as possibilidades de ser aluno. Duas identidades que são fixadas pela sociedade, mas que não significam e não são vivenciadas da mesma forma. Os sujeitos das juventudes precisam de profissionais da educação que oferecem oportunidades para negociações entre as identidades e os territórios a serem desenvolvidos.

Incluir as mídias como oportunidade para a produção, análise e negociação com os conteúdos e discursos dos territórios escolares dão possibilidades para que os jovens percebam as proximidades e os afastamentos entre suas culturas, suas identidades e as relações com a instituição escolar. Se os/as jovens compreenderem o funcionamento dos discursos midiáticos poderão trabalhar estratégias de compreensão e negociação entre os discursos da mídia e da escola. Assim, as pesquisas de mídia na educação, respaldadas no eixo teórico dos Estudos Culturais, são algumas possibilidades de inserir a mídia e sua cultura no espaço escolar.

Podemos afirmar que na sociedade contemporânea, os atores sociais não são totalmente socializados a partir das orientações das instituições, nem a sua identidade é construída apenas nos marcos das categorias do sistema. Significa dizer que eles estão expostos a universos sociais diferenciados, a laços fragmentados, a espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e concorrentes, sendo produtos de múltiplos processos de socialização (Dubet, 1994; Lahire, 2002; 2005).

Nesse sentido, podemos constatar que a constituição da condição juvenil parece ser mais complexa, com o jovem vivendo experiências variadas e, às vezes, contraditórias. Constitui-se como um ator plural, produto de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos, dentre os quais ganham centralidade aqueles que ocorrem nos espaços intersticiais dominados pelas relações de sociabilidade. Os valores e comportamentos apreendidos no âmbito da família, por exemplo, são confrontados com outros valores e modos de vida percebidos no âmbito do grupo de pares, da escola, das mídias etc. Pertence, assim, simultaneamente, no curso da sua trajetória de socialização, a universos sociais variados, ampliando os universos sociais de referência (Lahire, 2002).

Damasceno (2000, p.78) acredita que os diversos espaços da escola possibilitam momentos de troca, de criação, recriação, de fortalecimento das amizades, dos laços de solidariedade, das paqueras. A instituição escolar é um espaço imprescindível para promover esses diálogos entre os jovens, mas o que me parece é que o aspecto sociocultural se encontra bem distante dos

currículos escolares, pois embora conste arte-educação no currículo escolar, acaba se tornando uma atividade extraescolar. É como se o jovem entrasse na escola e se tornasse o aluno e não mais o jovem, inibindo-o de expressar aquilo que ele traz a partir do contexto social em que ele vive.

Sposito (2003) acredita que o desencontro entre o “mundo da escola” e o “mundo dos jovens” traz perdas para todos os atores escolares, já que eles acabam imersos numa rotina desinteressante e pouco motivadoras, num ambiente pouco propício para os aprendizados e vivências que a escola pode e deve promover. Altos índices de fracasso escolar, pichações e depredações, atitudes desrespeitosas no convívio escolar, apatia dos alunos são alguns dos sintomas dessa situação.

2.2.1 Os sujeitos da juventude e o Espaço Escolar

As relações dos sujeitos da juventude no espaço escolar são complexas e exigem compreensão das culturas juvenis que são múltiplas e compostas por inúmeros saberes que se combinam, se rejeitam, se complementam. A mídia, ao ser incorporada como um dos artefatos culturais da ação pedagógica, que o jovem se perceba não preso a um conceito único do que é juventude, mas se perceba enquanto sujeito histórico que é entrelaçado em organização de sentidos múltiplos, traz contribuições significativas na construção das identidades dos sujeitos da juventude.

Segundo Groppo (2000), a juventude pode ser definida como uma categoria social, indo além de uma de uma faixa etária com limites demarcados e restritos. Sendo assim, ela irá tornar-se uma representação sociocultural e uma situação social, “juventude será uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (GROPPO, 2000, p. 8). Mas, além da discussão, Groppo (2000), também aponta a dificuldade da Sociologia em definir o objeto que ajudou a criar, a categoria juventude, onde suas tentativas irão combinar o critério etário não relativista e o critério sociocultural.

De acordo com Dayrell (2003), “construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais” (p. 41), e utilizando a definição apresentada por Peralva(1997), a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Devemos construir uma noção de juventude a partir da perspectiva da diversidade, tanto com base nas condições sociais, culturais, de gênero, regiões geográficas, etc. Por esse motivo, também devemos tratá-la no plural, para dar conta de toda essa diversidade.

Outro aspecto importante abordado por Dayrell (2003), quanto à juventude, está relacionado à sua imagem. Tal aspecto acaba interferindo na maneira como os jovens são vistos, há uma dificuldade na compreensão desses sujeitos em sua totalidade. Segundo o autor, existem modelos de jovens socialmente construídos e devemos questionar essas imagens para não cairmos em uma análise negativa dessa categoria.

A cultura dos sujeitos da juventude é heterogênea nos discursos e nas vivências com diferentes saberes. São linguagens e comportamentos que se alteram nas relações entre os diferentes indivíduos que transitam pelo espaço escolar. Essas culturas juvenis oportunizam aos pedagogos e pesquisadores da educação a questionar as relações entre os jovens e as mídias e quais suas relações com o espaço escolar (LIBÂNEO, 2006). O autor ressalta que as intensas transformações – sociais, políticas, econômicas, sociais, geográficas, culturais – desafiam os educadores nas suas relações com as culturas juvenis cada vez mais midiáticas e diversificadas que invadem o espaço escolar.

3 CAPÍTULO III: MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Descrição e Análise dos dados

A presente pesquisa aborda os sujeitos da juventude. Interessa-nos saber a influência da mídia na cultura juvenil e nos discursos nos territórios escolares. No tópico que segue, tratamos da pesquisa e dos seus participantes.

3.2. A pesquisa e seus participantes

As atividades de pesquisa tiveram início no mês de dezembro de 2013, onde, inicialmente, fizemos uma pesquisa bibliografia que resultaram em várias leituras de capítulos de livros, jornais e artigos de revistas especializadas sobre o assunto. Vencida essa primeira etapa, trabalhamos na elaboração dos instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa. Este trabalho resultou na elaboração de questionários que foram aplicados aos alunos

Conforme Mugrabi e Doxsey (2003, p.98), a amostra constitui um subconjunto dos elementos de uma população (universo) a partir do qual os dados são recolhidos. Para a amostra ser representativa deste universo, as características principais da população necessita estar presentes proporcionalmente na amostra selecionada.

No presente trabalho, a amostra da pesquisa é constituída por 16 (dezesesseis) alunos, sendo 8 (oito) alunos de cada sexo.

3.3 Instrumento de coleta e tratamento dos dados

Utilizamos como instrumento de pesquisa um questionário contendo questões abertas, fechadas e de múltiplas escolhas. O questionário foi dirigido aos alunos, cujas questões se prenderam a identificar a relação dos alunos com a mídia e a forma de como ela afeta sua relação na comunidade escolar. O questionário foi cuidadosamente elaborado com o intuito de extrair informações relevantes sobre o assunto.

De posse dos dados coletados, analisamos a resposta de cada sujeito individualmente. Dessa forma, interpretamos e construímos os perfis dos participantes da pesquisa. Em seguida, fizemos uma análise comparativa entre as respostas dos alunos, para verificar até que ponto as suas informações convergiam e/ou divergiam.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como enfatizado na metodologia, elaboramos um questionário contendo questões abertas e de múltiplas escolhas a respeito de uma análise da influência da mídia na cultura juvenil e nos discursos nos territórios escolares.

Por questões éticas e para preservar a identidade dos alunos, seus nomes não serão explicitados no trabalho. Inicialmente, como primeira questão do instrumento de coleta, foi perguntado aos alunos acerca da influência da mídia na cultura juvenil e nos discursos nos territórios escolares, qual a relação deles com a mídia, a que mídias eles têm acesso, se costumam assistir a noticiários, se a mídia influencia no modo de eles verem o mundo e a escola e o que eles pensam da escola.

Seguem algumas respostas que mais chamaram a atenção entre os alunos entrevistados. Sobre a pergunta “qual a sua relação com a mídia”, os jovens responderam:

Às vezes vejo televisão, porém estou sempre por dentro das notícias informadas nas redes sociais;

Está presente no cotidiano, influenciando de certa maneira em minhas opiniões;

Tenho uma interação muito forte, no sentido de usar como forma de fazer busca de informações, estudos e diminuir as distâncias comunicativas;

Procuro me envolver apenas o necessário, para evitar problemas com a intimidade;

Sou ligado muito, porém só uso a internet, gosto muito, mas só para me informar;

A mídia nos ajuda muito, ao nos dá as notícias e os acontecimentos do nosso cotidiano.

De uma forma quase unânime, os alunos concordam que a mídia influi bastante em seu modo de ser e agir na escola, de ver o mundo, no tratamento com a família e na formação de suas opiniões. Não há um só aluno, entre os entrevistados, seja de zona urbana ou rural, que não tenha acesso à televisão e às redes sociais. Entre as mídias mais citadas estão a televisão, rádio e internet.

Como vemos nas respostas dadas ao questionário, os jovens têm uma relação muito estreita com a mídia. A escola não pode ignorar essa estreita relação. O trabalho pedagógico e a cultura escolar devem considerar esse aspecto.

Sobre a questão se “a mídia influencia os alunos no seu modo de ver o mundo e de que forma ocorre essa influência”, os alunos responderam que têm certa influência da mídia, que essa mesma mídia conduz os sujeitos na forma

de se vestirem e na forma como vêm o mundo. Outros jovens, demonstrando maturidade no uso da mídia, afirmam analisar criticamente o que é mostrado por esse poderoso instrumento de poder.

Não. Particularmente, costumo observar as informações e construir minha própria opinião e a forma de ver o mundo.

Sim. Pois às vezes tenho um pensamento diferente do que a mídia mostra.

Sim. Na forma de se vestir e de ver o mundo de forma preconceituosa.

Sim. De ver como é lá fora, mostrando coisas novas.

Não. Pois não se deve deixar influenciar por ela, apenas analisá-las e construir sua própria forma de ver o mundo.

Sim. Práticas ruins dando errado, não quero fazer. Já quando vejo práticas boas dando certo, me influencia a praticá-las.

Quando perguntados se “a mídia influencia no seu modo de ver a escola e se influencia, de que forma”, houve quase uma unanimidade em dizer que sim, embora as justificativas, na maioria das vezes, não tiveram quase nenhuma relação. Ainda, podemos observar, nas respostas dadas aos questionários, um olhar crítico dos alunos com relação ao que tenta passar a mídia. Seguem algumas respostas dadas pelos entrevistados:

Sim. Na tv, as escolas são como um local de diversão e não de aprendizado. A tecnologia, ao invés de ajudar, atrapalha nas aulas com o uso da internet.

Sim. Geralmente eles costumam mostrar que a escola brasileira é de baixa estrutura e ruim na educação, o que na maioria das vezes não é verdade.

Não. Pois, como me encontro no âmbito escolar, sei a realidade que acontece, aliás vivo a própria realidade. Realidades boas e ruins.

Sim. Alguns professores usam os diversos tipos de mídias para melhorar suas aulas e fazer com que os alunos se interessem mais pelas aulas.

Sim. Sabendo os deveres que os políticos prometem e tendo que cumprir, como professores qualificados e, além da infraestrutura precária, da falta de aulas e de um bom material para estudar.

Sim. Pois demonstra na maioria das vezes, uma realidade que não procede, passando a manter uma imagem distorcida dos fatos.

Quando perguntados sobre “o que o aluno pensa da escola e se esta escola responde às suas expectativas”, as respostas foram bem positivas no sentido de enaltecer a importância da escola, pois além da grande maioria frisar que a escola tem uma importância enorme para o seu futuro. Os alunos, também, afirmaram que a escola atende às suas expectativas, fazendo algumas ressalvas principalmente no tocante às questões estruturais do prédio da escola em si e de equipamentos essenciais; mas com acentuada exaltação no sentido de que a escola atende às suas expectativas, principalmente em relação à formação do cidadão. Vejamos abaixo algumas respostas sobre essa questão:

A escola na verdade é nossa segunda casa. De certa forma, a escola responde às minhas expectativas, pois faço minha parte como aluna e contribuo. Porém, a escola falta condições, no sentido de terminar a reforma.

A escola é o lugar onde aprendemos valores e aprimoramos informações. Sim, a escola tem qualidades adequadas que colaboram para formação dos alunos.

É a única garantia de que um dia possamos avançar na vida e conseguirmos nossos objetivos. Responde, pois busca a forma de ensinamento da melhor maneira.

A escola é um ambiente de formação de ideias e opiniões, possui objetivo de nos formar cidadãos aptos à convivência social civilizada.

Penso que a escola é um lugar onde temos o aprendizado necessário para crescermos na vida profissional. Corresponde às minhas expectativas.

É a única garantia de que um dia possamos avançar na vida e conseguirmos nossos objetivos. Responde, pois busca a forma de ensinamento da melhor maneira.

Uma questão preocupante com relação a essa resposta dos alunos é no que diz respeito às expectativas destes com relação à escola. Observa-se um conformismo com relação ao modelo de escola que se tem. O que nos questionamos é que se tivéssemos, realmente, um modelo de escola que respondesse às expectativas dos alunos, como justificar os índices de evasão e repetência nas escolas públicas?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, em que objetivamos analisar a influência da mídia na cultura juvenil, partimos da premissa de que a escola é compreendida como fomentadora de uma educação que tenha como práxis a emancipação psicossocial do jovem. Para tal, é preciso observar os meios que privilegiam e

garantam a corresponsabilidade deste na construção de acordos e ações necessárias para a organização da realidade escolar.

Hoje em dia, a democracia é um instrumento político no qual se expressa o desejo da construção de uma sociedade livre de ideologias excludentes. Na educação, o discurso que fundamenta a gestão democrática deveria garantir processos participativos na escola que prescindissem de valores éticos.

A ausência dessa garantia leva a práticas veladas de violência no cotidiano escolar. Portanto, o diferencial da escola está em oportunizar no aluno a vivência de experiências que valorizem o seu envolvimento pessoal em construções coletivas, que gerem sentimento de pertencimento deste a realidade escolar.

Cumprе destacar que, na perspectiva de autores tais como Maffesoli (1998, 2004, 2005) e Filardo et al (2002), vivemos em um momento no qual os sujeitos estabelecem processos de identificação na interação com os outros, nas relações com os grupos. Para os referidos autores, tais processos, denominados como tribos juvenis ou urbanas, se embasam em novas formas de sociabilidade, que são fluidas e provisórias.

Para Maffesoli (2005), o “neotribalismo” configura justamente o momento pelo qual a juventude busca nos grupos as múltiplas formas de se relacionar, estabelecer vínculos afetivos e se identificar ou diferenciar dos outros.

Consideramos, então, ao longo do nosso estudo, que a mídia definitivamente é indissociável do cotidiano escolar. Ela dita regras, gera expectativas, também gera frustrações, quando as expectativas não são atendidas. O jovem quer cada vez mais que sejam abordados de forma programática, temas que influenciam diretamente na sua formação como cidadão, pois de acordo com nossa pesquisa, a formação do cidadão é o maior papel da escola para a maioria dos alunos entrevistados, que esperam sair da escola cidadãos possuidores de senso crítico.

Nesta perspectiva, acreditamos que este estudo acaba levantando questões relevantes para o educador, especialmente quando conclui que a

mídia é parte permanente da estrutura escolar, está inserida, faz parte dos discursos, influi nos comportamentos nos territórios escolares. Os alunos querem ser ouvidos, querem propor discussões, participar da construção do currículo e tudo isso é resultado dessa forte interação com esse vasto mundo da mídia.

REFERÊNCIAS

A VOZ da maioria. Veja, nº 818, 9 de maio de 1984. p. 52-60.

BENJAMIN, Walter. **O narrador. Obras escolhidas.** São Paulo: Brasiliense 3ª Edição, 1987.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Identidades Juvenis e Escola. In: **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos.** — Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. p.153-163.

COSTA, Marisa Vorraber. **Ensinando a dividir o mundo: as perversas lições de um programa de televisão.** Revista Brasileira de Educação. São Paulo. Autores Associados, n.20, maio/ago.2002 , p,71-82.

_____. Marisa Vorraber (Org). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DAMASCENO, M. N. A convivialidade como expressão da cultural estudantil. In:

_____, M. N. ; THERRIEN, J. (Org). **Artesãos de um outro ofício: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar.** São Paulo, SP: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

DAYERELL, Juarez. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade: comunicação, solidariedade e democracia.** JOVENS, Revista de Estudos sobre Juventud, México, n.22, ano 9, , 2005. p 306– 323.

_____, J. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

_____, Juarez. **A escola —faz as juventudes?** – reflexões em torno da socialização juvenil. In: Educação e Sociedade, vol. 28, n. 100 – Especial. Campinas, 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 16 de agosto de 2011. (1105-1128).

_____, Juarez. **O jovem como sujeito social.** Revista Brasileira de Educação. Nº 24, 2003. e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Pequena Miss Sunshine: para além de uma subjetividade exterior.** Pró-posições. vol.19, n. 02, mai./ago. 2008, p. 47-57.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978).** São Paulo: Martin Fontes, 2008.

_____, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento das prisões.** 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOULART, Marcos V., SANTOS, Nair. **O poder do jovem: uma análise sobre o discurso da rebeldia da juventude.** Anais do 4º Seminário Brasileiro/1º Seminário Internacional de Estudos Culturais . Ulbra – Canoas, RS. 2011.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Cultura jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores?** In: *Educativa*, v. 9, n. 1. Goiânia, 2006. p. 25-46.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1985. p. 64.

RODRIGUES, Dayane Silva. Grupo como dispositivo socioeducativo-dialógico: reflexões sobre uma intervenção com adolescentes em meio aberto.

SPOSITO, Marília Pontes. **Estudos sobre juventude em educação**. *Revista Brasileira de Educação*. n. 5 e 6, mai./jun./jul./set./out./nov./dez. 1997, p. 37-52.

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude Políticas Públicas no Brasil**. *Revista Brasileira de Educação*, 2003.

WOLTON, Dominique; DUARTE, Pedro Elói. **A outra globalização**. 2004.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Caro (a) aluno (a),

O presente questionário objetiva coletar dados para a pesquisa do trabalho de Conclusão do curso da Especialização em Fundamentos da Educação – o qual faz uma análise da influência da mídia na cultura juvenil e nos discursos nos territórios escolares, orientado pela Prof^a. Dr^a. Valdecy Margarida da Silva.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

Prof. Severino Júnior/UEPB

1 -Sexo:() Feminino () Masculino

2- Série que esta cursando:

3- Faixa etária:.....

4 – Trabalha?() SIM () NÃO

5–Repetente:() SIM () NÃO

6. Qual a sua relação com a mídia?

.....

7. A que mídias você tem acesso?

.....

8. Você costuma assistir aos noticiários? Sim () não () Por quê?

.....
.....
.....

9. A mídia influencia no seu modo de ver o mundo?

Sim () não () Como? De que forma?

.....
.....
.....

10. A mídia influencia no seu modo de ver a escola?

sim () não () De que forma?

.....
.....
.....
.....

11. O que você pensa da escola? Ela responde às suas expectativas?

.....
.....
.....